

**Enquadramentos na cobertura jornalística da hanseníase:
uma análise comparativa do portal G1**

*Framing the journalistic coverage of Hansen's disease:
a comparative analysis of the G1 portal*

Carolina Gonçalves PACHECO¹
Patrícia MONTEIRO²

Resumo

Este artigo analisa a cobertura jornalística da hanseníase em quatro matérias publicadas pelo portal G1 em 2025, com o objetivo de compreender, à luz da teoria do enquadramento, como escolhas narrativas moldam a percepção social da doença. De abordagem qualitativa, descritiva e comparativa, a pesquisa é orientada pela análise de conteúdo jornalístico, considerando categorias de enquadramento e classificação das fontes. Os resultados indicam que a cobertura articula dados epidemiológicos, avanços terapêuticos, relatos pessoais e inovação científica, combinando informação técnica e narrativa humana. Contudo, observa-se limitada diversidade de vozes e tratamento superficial dos determinantes sociais e estruturais da hanseníase. Conclui-se que predominam enfoques biomédicos e político-institucionais, em detrimento de perspectivas amplas sobre os impactos sociais da doença, o que reforça a necessidade de práticas editoriais plurais e aprofundadas na abordagem de doenças negligenciadas.

Palavras-chave: Cobertura jornalística. Teoria do enquadramento. Hanseníase.

Abstract

This article analyzes the journalistic coverage of Hansen's disease in four reports published by the G1 portal in 2025, seeking to understand how narrative choices shape the social perception of the disease within the framework of framing theory. Adopting a qualitative, descriptive, and comparative approach, the research is guided by the analysis of journalistic content, considering framing categories and the classification of sources. The results indicate that the coverage articulates epidemiological data, therapeutic advances, personal accounts, and scientific innovation, combining technical information with human-centered narratives. However, a limited diversity of voices and a superficial treatment of the social and structural determinants of Hansen's disease are observed. It is concluded that biomedical and political-institutional approaches

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ/UFPB).
E-mail: carolina.pacheco@academico.ufpb.br

² Doutora em Comunicação. Professora do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: patricia.monteiro@academico.ufpb.br

predominate, to the detriment of more open perspectives on the social impacts of the disease, reinforcing the need for more plural and in-depth editorial practices in the coverage of neglected diseases.

Keywords: Journalistic coverage. Framing theory. Hansen's disease.

Introdução

A hanseníase representa um dos grandes desafios de saúde pública no Brasil. Apesar de ser uma doença curável por meio de medicamentos disponibilizados gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS), o país ainda ocupa o segundo lugar no ranking mundial em número absoluto de casos, sendo superado apenas pela Índia (Jesus *et al.*, 2023).

De acordo com o Ministério da Saúde (MS), mais de 244 mil casos foram notificados no Brasil nos últimos dez anos, sendo 22.129 só em 2024, com tendência de redução progressiva, porém lenta, da taxa de detecção, conforme mostra o painel digital³ do MS com dados detalhados sobre hanseníase. Ainda assim, observa-se a manutenção de altos índices de diagnósticos tardios, frequentemente com grau de incapacidade física já estabelecido, evidenciando fragilidades no rastreamento precoce e nas estratégias de vigilância ativa, atestando que:

As incapacidades físicas e deformidades que a enfermidade pode gerar acarretam alguns problemas, como diminuição da capacidade de trabalho, limitação da vida social e problemas psicológicos. São responsáveis também pelo estigma e preconceito contra as pessoas acometidas pela doença. Porém, o estigma que envolve a hanseníase não está ligado apenas às incapacidades físicas, mas à história milenar de segregação da doença (Jesus *et al.*, 2023, p. 144).

Tal cenário revela não apenas a persistência do problema epidemiológico, mas também a condição da hanseníase como doença negligenciada, caracterizada pela baixa visibilidade midiática e associação com contextos de pobreza e desigualdade social.

A Hanseníase é uma das doenças mais antigas, atingindo principalmente pessoas que vivem em comunidades pobres em países

³ Disponível em:

<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiN2U1ODQzYmUtNzgzYy00MGQ0LTg2NTEtZmE2ZTE4OTc0MzQzIiwidCI6IjIhNTU0YWQzLWI1MmItNDg2Mi1hMzZmLTg0ZDg5MWU1YzcuNSJ9>. Acesso em: 13 abr. 2026.

tropicais subdesenvolvidos e em desenvolvimento, sendo considerada uma doença tropical negligenciada. A ocorrência desses casos está associada a desigualdades sociais relacionadas a renda, escolaridade e diferenças étnico-raciais (Ramos *et al.*, 2021 *apud* Clemente; Almeida, 2024, p. 2).

Se, no campo epidemiológico e social, a hanseníase continua a demandar atenção, a cobertura jornalística ainda se mostra fragmentada e pouco abrangente. Nos veículos de comunicação no Brasil, prevalece um enquadramento predominantemente biomédico, que enfatiza aspectos técnicos da doença (sintomas, diagnóstico e tratamento), em detrimento de dimensões mais amplas, como os determinantes sociais, o estigma persistente e a efetividade das políticas públicas de enfrentamento.

No início da década de 1980, a Organização Mundial da Saúde passou a recomendar a poliquimioterapia (PQT), com esquema terapêutico apropriado a cada forma clínica da doença, para o controle e cura da hanseníase. Além dos medicamentos da PQT, medidas como diagnóstico precoce, vigilância dos comunicantes, prevenção e tratamento das incapacidades físicas e educação para a saúde fazem parte das políticas atuais (Eidt, 2012, p. 85-86).

Investigar como veículos nacionais de grande alcance, como o portal G1⁴, estruturam narrativas de cobertura da hanseníase é importante. A teoria do enquadramento (*framing*), proposta inicialmente por Goffman e aprofundada por Entman, oferece um referencial teórico sólido para compreender de que modo certos elementos são destacados, silenciados ou ressignificados nas notícias, moldando a forma como a sociedade interpreta problemas de saúde pública, a exemplo da hanseníase.

Este estudo tem por objetivo analisar comparativamente quatro reportagens do G1, publicadas em 2025 em diferentes estados, que abordam a hanseníase sob perspectivas diversas. São elas: (1) “*Paraíba reduz novos casos de hanseníase, mas números da doença ainda preocupam*” (19/01/2025)⁵; (2) “*Dermatologista repensou tratamento contra hanseníase após ser diagnosticado com a doença; conheça*” (20/01/2025)⁶; (3) “*Novo tratamento brasileiro para hanseníase promete cura mais*

⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/>. Acesso em: 13 abr. 2026.

⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2025/01/19/paraiba-reduz-novos-casos-de-hanseniaze-mas-numeros-da-doenca-ainda-preocupam.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2026.

⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2025/01/20/dermatologista-transformou-tratamento-contra-hanseniaze-apos-ser-diagnosticado-com-a-doenca-conheca.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2026.

rápida e pode ser incorporado ao SUS” (26/06/2025)⁷; e (4) “*Estudo brasileiro cria método inédito que ajuda a prever retorno da hanseníase com mais de 95% de acerto*” (22/06/2025)⁸.

A análise busca identificar quais enquadramentos narrativos predominam nessas coberturas. A relevância desse enfoque reside em fornecer subsídios para o aprimoramento da cobertura jornalística em saúde, sobretudo no caso das doenças negligenciadas, como a hanseníase, incentivando práticas comunicativas que aliem rigor científico, sensibilidade social e compromisso ético.

Representação social da hanseníase

As representações sociais da hanseníase permanecem marcadas por preconceitos históricos e se constituem como um dos maiores obstáculos para a efetividade das políticas públicas de enfrentamento da doença.

O fato é que a hanseníase chama atenção não só pela magnitude de seu problema na saúde pública do Brasil, mas também pelo seu aspecto estigmatizante, proveniente de um passado sombrio no qual era conhecida como ‘lepra’. Tratava-se de uma doença marcada pela segregação, mutilações e considerada um pecado ou castigo de Deus, em que a pessoa acometida era fadada à ‘condenação social’ (Arantes; Lana, 2022, p. 2).

Embora a substituição oficial do termo “lepra” por “hanseníase”, ocorrida em 1976, tenha representado um marco sanitário e jurídico, o imaginário social não foi separado da antiga nomenclatura nem de seu peso simbólico, enraizadas em séculos de práticas segregacionistas.

No ano de 1976, novas políticas para o controle da hanseníase determinam ações que visavam a educação em saúde, acompanhamento de comunicantes e aplicação de BCG, detecção de casos novos, tratamento dos doentes e prevenção e tratamento das incapacidades físicas que a doença pode causar (Velloso e Andrade, 2002 *apud* Eidt, 2012, p. 85).

⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2025/06/26/novo-tratamento-brasileiro-para-hansenia-se-promete-cura-mais-rapida-e-pode-ser-incorporado-ao-sus.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2026.

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2025/06/22/estudo-brasileiro-cria-metodo-inedito-que-ajuda-a-evitar-retorno-da-hansenia-se-com-mais-de-95percent-de-acerto.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2026.

Nas campanhas educativas do Ministério da Saúde, observa-se a predominância de um discurso normativo-curativo, pautado por uma racionalidade biomédica, com ênfase na identificação de sinais clínicos, protocolos de tratamento e na possibilidade de cura. Embora tais aspectos sejam fundamentais para o controle epidemiológico da doença, eles não se mostram suficientes para enfrentar o estigma, que exige estratégias comunicacionais mais amplas, integrando dimensões culturais, sociais e subjetivas do processo saúde-doença.

No entanto, não só a baixa visibilidade nas práticas midiáticas preocupa, mas também os discursos produzidos sobre a hanseníase nos materiais utilizados em campanhas, já que estes representam um dos elementos da vida social e uma visão particular da linguagem em uso, que, ao ser interligado a outros elementos sociais — fatores econômicos, políticos, sociais, culturais, históricos e religiosos — operacionalizam a prática social (Arantes; Lana, 2022, p. 2).

A ausência de políticas de comunicação de longo prazo, capazes de articular informações biomédicas a uma abordagem culturalmente sensível, contribui para a manutenção de representações sociais negativas e reforça a invisibilidade da hanseníase nos espaços midiáticos e educativos. A superação desse desafio requer a incorporação de estratégias que transcendam a dimensão clínica e abordem o fenômeno estigmatizante em sua complexidade, considerando a historicidade do termo, os marcos culturais da discriminação e as desigualdades sociais que sustentam sua persistência.

Nesse sentido, é necessário reavaliar as estratégias implementadas e buscar ampliar a visibilidade de campanhas sobre a hanseníase no intuito de rever o atual cenário da doença no país. Dentre elas, destaca-se as ações de educação em saúde veiculadas nas práticas midiáticas, uma vez que a midiática da saúde, compreendida como cobertura/divulgação dos assuntos relacionados à saúde na mídia, torna-se uma estratégia importante para ampliar o conhecimento sobre a doença, promovendo debates públicos acerca das mudanças necessárias a serem realizadas para o enfrentamento do estigma (Arantes; Lana, 2022, p. 2).

Considerando a afirmação de Arantes e Lana, destaca-se ainda a importância de se compreender como a mídia molda a percepção pública sobre temas complexos, como a hanseníase. É nesse sentido que apresentamos, a seguir, a teoria que fundamenta esta pesquisa.

Teoria do enquadramento

O conceito de *frame* tem sua origem associada ao enquadramento visual, como ocorre na fotografia e no cinema. Contudo, foi sua apropriação como ferramenta analítica das interações sociais que conferiu maior relevância ao termo nos estudos de comunicação. Dentro das Ciências Sociais, um dos principais aportes teóricos para o desenvolvimento da noção de enquadramento vem das contribuições de Erving Goffman (Franciscato; Góes, 2012, p. 296).

Já como método, os estudos de framing tanto podem socorrer-se da análise paradigmática de conteúdo, conduzida em profundidade sobre objetos bem definidos; como da análise comparativa e sintagmática: diferentes enquadramentos sobre objetos ou acontecimentos mediáticos, idênticos ou equiparáveis, fazem ressaltar a qualidade de constructo dos diversos níveis de sentido que lhe são atribuídos e por meio dos quais o evento será percebido (Gradim, 2017, p.22).

No Brasil, a hanseníase exemplifica a tensão entre enquadramentos biomédicos e sociais. Embora a doença seja tratável e curável, sua representação midiática ainda recorre a imagens de isolamento e medo, reforçando resquícios históricos do termo “lepra” e do imaginário excludente a ele associado.

Uma comunicação dialógica, portanto, pode contribuir para uma nova representação social da hanseníase, desconstruindo o estigma, reconhecendo as pessoas acometidas pela doença como sujeitos ativos no processo de cuidado e produzindo melhores resultados em saúde e qualidade de vida (Lima; Oliveira-Costa; Fernandes, 2024, p.4).

O enquadramento midiático exerce influência na manutenção ou desconstrução de estigmas relacionados a doenças. A literatura de comunicação em saúde demonstra que, quando os veículos de comunicação destacam indivíduos exclusivamente como “pacientes”, “portadores de risco” ou “doentes”, tende-se a reforçar estereótipos que isolam as pessoas acometidas, dificultando uma compreensão cidadã e inclusiva da problemática. Narrativas reducionistas acabam por sustentar uma percepção coletiva de culpabilização e exclusão.

Stigma can aggravate disease processes and add numerous socioeconomic, psychosocial, and health burdens on people who hold marginalized identities or statuses, including reduced educational attainment, exposure to psychosocial stressors, and challenges in accessing healthcare Behavioral scientists have studied the severe

negative consequences of stigma for individuals coping with various health conditions and have learned that stigma can deter individuals from optimally engaging in treatment for their condition, which has serious impacts on morbidity and mortality. (Treves-Kagan S, Steward WT, Ntswane L, *et al.* 2016 *apud*, Rao *et al.*, 2019, p. 1)

Assim, a aplicação da teoria do enquadramento permite compreender que não se trata apenas de ausência de informação, mas da forma como essa informação é organizada, enfatizada e comunicada. Na seção a seguir, descrevemos os procedimentos metodológicos deste estudo.

Metodologia

A presente pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e comparativo, orientada pela análise de conteúdo jornalístico. O recorte metodológico mostra-se pertinente diante da necessidade de examinar como a hanseníase é enquadrada pelo jornalismo digital na atualidade.

A pesquisa qualitativa dirige-se à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das suas expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais. Consequentemente, a pesquisa qualitativa ocupa uma posição estratégica para traçar caminhos para as ciências sociais, a psicologia e outras áreas [...]. (Flick, 2009, p.37)

O *corpus* é composto por quatro matérias publicadas pelo portal G1 ao longo de 2025, obtidas por meio de busca avançada no próprio site do veículo, utilizando como descritores os termos “hanseníase” e “2025”. O G1 é o portal de notícias vinculado ao Grupo Globo, com coberturas nacionais e locais, e que se autodefine como “líder de audiência no jornalismo digital brasileiro”⁹.

O critério temporal justifica-se pela relevância de captar narrativas recentes que dialogam com dados epidemiológicos atualizados e com a formulação de políticas públicas de saúde.

A conceitualização da análise de conteúdo, pode ser concebida de diferentes formas, tendo em vista a vertente teórica e a intencionalidade do pesquisador que a desenvolve, seja adotando conceitos relacionados à semântica estatística do discurso, ou ainda, visando à inferência por meio da identificação objetiva de

⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/institucional/sobre-o-g1.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2026.

características das mensagens (Weber, 1985; Bardin, 1977 *apud* Silva; Fossá, 2015, p.2). Salienta-se o caráter social da análise de conteúdo, uma vez que é uma técnica com intuito de produzir inferências de um texto para seu contexto social de forma objetiva (Bauer; Gaskell, 2002 *apud* Silva; Fossá, 2015, p.2).

O processo de investigação foi organizado em quatro etapas. A primeira foi a leitura aprofundada das reportagens, com atenção à estrutura textual, organização narrativa e aos principais focos de ênfase. Em seguida foi feita a categorização dos enquadramentos com base na teoria do *framing*: biomédico (narrativas centradas em diagnóstico, tratamento e protocolos clínicos; humanitário (relatos de vida e impactos sociais da doença); político-institucional (ênfase em políticas públicas, programas governamentais e iniciativas de instituições).

Também foi feita a classificação das fontes jornalísticas em quatro tipos: oficiais, científicas, testemunhais e institucionais. A estratégia metodológica baseia-se no pressuposto de que a mídia não apenas reflete a realidade, mas também a constrói a partir de escolhas narrativas e enquadramentos.

A análise de conteúdo, atualmente, pode ser definida como um conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que se presta a analisar diferentes fontes de conteúdos (verbais ou não-verbais). Quanto a interpretação, a análise de conteúdo transita entre dois polos: o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade. É uma técnica refinada, que exige do pesquisador, disciplina, dedicação, paciência e tempo (Silva; Fossá, 2015, p. 3).

A etapa final consistiu na elaboração de um quadro comparativo, no qual foram analisadas as matérias quanto a enquadramentos, tipos de fontes e presença de dados relevantes. Tal recurso permitiu a observação de forma clara de semelhanças, de divergências e de lacunas na cobertura jornalística, contribuindo para a discussão acerca da representação da hanseníase no jornalismo digital brasileiro, sobretudo em um grande portal de notícias, o G1.

Análises e resultados

A leitura e categorização das matérias permitiu observar não apenas diferenças nos enquadramentos narrativos, mas também os modos como a hanseníase é socialmente representada no jornalismo digital brasileiro. Embora todas as reportagens

pertençam ao mesmo veículo de comunicação (G1), as construções textuais revelam ênfases distintas, ora privilegiando a dimensão biomédica, ora o relato humanitário ou a perspectiva político-institucional.

A reportagem “*Paraíba reduz novos casos de hanseníase, mas números ainda preocupam*”, publicada em 19 de janeiro de 2025, com foco no estado nordestino da Paraíba, evidencia um enquadramento predominantemente político-institucional, estruturado a partir de dados fornecidos pela Secretaria de Estado da Saúde.

Ao destacar a redução nos novos casos da doença, mas também ao reforçar que os números “ainda preocupam”, a narrativa assume uma função de alerta público, voltada à manutenção da vigilância epidemiológica. A principal limitação do texto encontra-se na pouca diversidade de fontes: são privilegiadas vozes oficiais, com a fala de uma médica, mas sem a presença de depoimentos de pacientes ou de organizações sociais. Tal escolha narrativa, que focaliza apenas uma entrevistada e dados oficiais, limita a humanização da cobertura, restringindo a dimensão subjetiva da experiência da doença.

A reportagem “*Dermatologista repensou tratamento contra hanseníase após ser diagnosticado com a doença; conheça*”, de 20 de janeiro de 2025, adota uma estratégia diferente, inserindo-se prioritariamente no enquadramento humanitário, mesmo que possua nuances biomédicas. Publicada no G1 Ribeirão Preto e Franca, o caso do dermatologista Marco Andrey Cipriani Frade que repensou sua prática profissional após ser diagnosticado com hanseníase desloca o foco da doença enquanto fenômeno coletivo para a experiência individual. A opção narrativa tem impacto relevante na redução do estigma, uma vez que aproxima o público de uma história pessoal, reforçando a ideia de que a hanseníase pode acometer qualquer indivíduo, independentemente de sua formação ou status social, ainda que a doença esteja atrelada à questão da pobreza.

Além disso, a ênfase na história de vida contribuiu para sensibilizar o público sobre os desafios vivenciados por quem recebe o diagnóstico. A ênfase no relato pessoal não impediu que, informações sobre a doença fossem abordados ao final da reportagem (“Entenda o que é a doença, quais são seus sintomas, como pode ser diagnosticada,

como funciona o tratamento e o que fazer para se prevenir. Veja abaixo:”¹⁰. A reportagem cumpre um papel importante no campo da conscientização social, apresentando menor densidade informativa e sem a presença de outras fontes.

A reportagem “*Estudo brasileiro cria método inédito que ajuda a prever retorno da hanseníase com mais de 95% de acerto*”, publicada no G1 Triângulo e Alto Parnaíba, de 22 de junho de 2025 insere-se no enquadramento biomédico, mas diferencia-se por valorizar a ciência nacional. O estudo que apresenta um método inédito de prever o retorno da hanseníase com precisão superior a 95% é descrito como um marco no combate à doença, conferindo centralidade ao papel da ciência no enfrentamento da endemia.

No texto, observa-se a articulação entre fonte científica (pesquisador Bruno Dornelas) e dados institucionais (OMS e Ministério da Saúde), além da ênfase da pesquisa realizada no Brasil, o que reforça o papel estratégico da produção científica nacional na formulação de políticas públicas. Diferentemente das demais reportagens, esse texto cria uma ponte clara entre conhecimento acadêmico e uma possível ação governamental guiada pela pesquisa, como foco no entendimento da população.

A matéria “*Novo tratamento brasileiro para hanseníase promete cura mais rápida e pode ser incorporado ao SUS*”, publicada no G1 nacional em 26 de junho de 2025, é dedicada a apresentar um novo tratamento brasileiro contra a hanseníase, e caracterizada também por um enquadramento biomédico.

Utilizando como fonte científica o pesquisador que conduziu o estudo, Marco Andrey Cipriani Frade, a narrativa privilegia os avanços da pesquisa farmacológica, com destaque para a promessa de cura nos nervos mais rápida (o que diminui as possibilidades de danos físicos permanentes) e a chance de incorporação da terapia ao SUS. Nesse caso, predomina as fontes científicas, o que confere elevada credibilidade e autoridade às informações. Contudo, o aspecto econômico, que poderia ampliar a discussão acerca do impacto financeiro da inovação terapêutica no sistema público de saúde, aparece apenas de maneira tangencial, por meio da referência a um outro estudo que abordou o peso econômico da hanseníase no Brasil (“Entre 2006 e 2015, o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) gastou cerca de R\$ 5 bilhões em benefícios

¹⁰Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2025/01/20/dermatologista-transformou-tratamento-contrahanseníase-apos-ser-diagnosticado-com-a-doenca-conheca.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2026.

previdenciários para pessoas afetadas pela doença”¹¹). Desse modo, a ausência de uma análise mais aprofundada sobre os custos do novo tratamento representa uma lacuna no enquadramento jornalístico. Também aqui não há a escuta de pessoas que estão enfrentando a doença.

No quadro a seguir, sistematizamos a análise e seus resultados, considerando os seguintes aspectos: reportagem, data, enquadramento predominante, tipos de fontes e comentário.

Quadro 1 – Enquadramentos predominantes e tipos de fontes nas reportagens do G1

REPORTAGEM	DATA	ENQUADRAMENTO PREDOMINANTE	TIPOS DE FONTES	COMENTÁRIO
<i>Paraíba reduz novos casos de hanseníase, mas números ainda preocupam.</i>	19/01/2025	Político-institucional	Oficiais (Secretaria de Saúde) e médica	Ênfase em dados epidemiológicos; alerta social; baixa diversidade de vozes.
<i>Dermatologista repensou tratamento contra hanseníase após ser diagnosticado com a doença.</i>	20/01/2025	Humanitário	Testemunhal (paciente/ dermatologista Marco Andrey Cipriani Frade)	Foco em experiência pessoal; contribui para reduzir estigma; referências pontuais à prática clínica e protocolos terapêuticos.
<i>Estudo brasileiro cria método inédito que ajuda a prever retorno da hanseníase com mais de 95% de acerto.</i>	22/06/2025	Biomédico com ênfase científica	Científica (pesquisador Bruno Dornelas), dados Institucionais (OMS e Ministério da Saúde)	Valorização da ciência nacional; articulação entre pesquisa e políticas públicas; uso de infográfico explicativo
<i>Novo tratamento brasileiro para hanseníase promete cura mais rápida e pode ser incorporado ao SUS.</i>	26/06/2025	Biomédico	Científica (pesquisador Marco Andrey Cipriani Frade)	Destaque para inovação farmacológica e possibilidade de incorporação ao SUS; abordagem sobre custos e impacto econômico.

Fonte: Autoria própria (2026)

¹¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2025/06/26/novo-tratamento-brasileiro-para-hanseníase-promete-cura-mais-rapida-e-pode-ser-incorporado-ao-sus.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2026.

Conclusão

A análise comparativa das quatro reportagens publicadas pelo portal G1 evidencia, ainda que de forma pontual, que a cobertura jornalística sobre a hanseníase no Brasil assume diferentes enquadramentos, em alguns momentos priorizando a dimensão político-institucional e epidemiológica, em outros privilegiando relato humanizado e experiência individual, ou ainda enfatizando inovações científicas e biomédicas. A diversidade reflete o caráter da doença, que não pode ser reduzida a uma única perspectiva, mas demanda articulação entre ciência, políticas públicas e narrativas sociais. As diferentes abordagens também refletem a própria dinâmica das rotinas produtivas e das decisões político-editoriais que tangenciam a cobertura jornalística, o que pode ser melhor estudado em pesquisas futuras.

A reportagem sobre a Paraíba, extraída no G1 Paraíba, ao destacar dados oficiais e indicadores de saúde, cumpre um papel fundamental de alerta coletivo, mas revela limitações quanto à pluralidade de vozes, uma vez que deixa em segundo plano a experiência dos indivíduos acometidos, que não foram ouvidos na reportagem. Por outro lado, na reportagem do G1 Ribeirão Preto e Franca, o relato do dermatologista diagnosticado com a doença introduz uma dimensão humanitária capaz de aproximar o público e de contribuir para o enfrentamento do estigma histórico associado à hanseníase, embora apresente menor densidade técnica e científica.

As matérias de junho de 2025, ao abordarem avanços biomédicos, tanto no desenvolvimento de um novo tratamento quanto na criação de um método preditivo para recidiva, ressaltam o protagonismo da ciência nacional e sua relação com o sistema público de saúde, trazendo elementos que reforçam a credibilidade acadêmica e institucional da cobertura. No entanto, observou-se que aspectos econômicos, como custos e viabilidade financeira da implementação dessas inovações, receberam tratamento secundário, revelando uma lacuna importante no debate público sobre políticas de saúde.

Portanto, os resultados desta pesquisa, sugerem que a cobertura jornalística analisada contribui, de formas distintas, para a construção da percepção social da hanseníase, seja pelo viés do alerta epidemiológico, pela sensibilização humanitária ou pela valorização do conhecimento científico.

Ainda assim, permanece como desafio a necessidade de maior integração entre os diferentes enquadramentos, de modo que a cobertura jornalística possa oferecer ao público uma visão mais abrangente, crítica e socialmente útil. O jornalismo, nesse sentido, deve buscar equilibrar rigor científico, pluralidade de fontes e narrativas humanizadas, colaborando para a redução do estigma associado à hanseníase e para a efetiva democratização do conhecimento em saúde pública.

Referências

ARANTES, Elis Oliveira; LANA, Francisco Carlos Félix. Representações sociodiscursivas sobre a hanseníase em campanhas educativas: implicações na redução do estigma. **Revista Brasileira de Enfermagem**, São Paulo, v. 75, e20210410, 2022.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/reben/a/3NdrfdHQ7Ksc4DLhw4SZvXG/?lang=pt>. Acesso em: 31 jul. 2025.

CLEMENTE, Geise Silva; ALMEIDA, Delma Holanda de. Clusters de alto risco dos casos por hanseníase na região Nordeste do Brasil: modelagem espaço-temporal retrospectiva e prospectiva. **Research, Society and Development**, São Paulo, v. 13, n. 10, e112131047145, 2024. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v13i10.47145>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/47145/37301>. Acesso em: 13 abr. 2026.

EIDT, Leticia Maria. Breve história da hanseníase: sua expansão do mundo para as Américas, o Brasil e o Rio Grande do Sul e sua trajetória na saúde pública brasileira. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 76-88, maio-ago. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/nXWpzPJ5pfHMDmKZBqkSZMx/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo; GÓES, José Cristian. Contribuições da teoria do enquadramento para compreender o sensacionalismo no jornalismo. **Animus: Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, [S. l.], v. 11, n. 22, p. 291-310, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/6564>. Acesso em: 15 ago. 2025.

GRADIM, Anabela. Para uma leitura semiótica das teorias de framing: reinterpretando o enquadramento com base na categoria peirceana de terceiridade. **Galáxia**, São Paulo, n. 35, p. 21-31, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/8TNr88cwzFYPRzbb3FmjQBC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2025.

JESUS, Isabela Luísa Rodrigues de; MONTAGNER, Maria Inez; MONTAGNER, Miguel Ângelo; ALVES, Sandra Mara Campos; DELDUQUE, Maria Célia. Hanseníase e vulnerabilidade: uma revisão de escopo. **Ciência & Saúde Coletiva**, São Paulo, v. 28,

n. 1, p. 143-154, jan. 2023. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/csc/a/CmLqBCKP6rZjBFd79dgd8SR/?format=html&lang=pt>.
Acesso em: 13 abr. 2026.

LIMA, Fernanda Cassiano de; OLIVEIRA-COSTA, Mariella Silva de; FERNANDES, Maria Fernanda Marques. Podhans: podcast de comunicação pública sobre hanseníase produzido a partir da escuta dos usuários do SUS. **Journal of Science Communication - América Latina**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 1-13, 2024.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas revista eletrônica**, v. 17, n. 1, p. 1-14, 2015. Disponível em:
<https://www.fepiam.am.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/2113-7552-1-PB.pdf>.
Acesso em: 13 abr. 2026.

RAO, Deepa; ELSHAFEI, Ahmed; NGUYEN, Minh; HATZENBUEHLER, Marl L.; FREY, Sarah; GO, Vivian F. A systematic review of multi-level stigma interventions: state of the science and future directions. **BMC Medicine**, [S. l.], v. 17, n. 41, p. 1-14, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12916-018-1244-y>. Disponível em:
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30770756/>. Acesso em: 24 ago. 2025.